ANO 6.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1927 N.º 1770

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇAO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

NO nosso fundo de ontem, intitulado *A Malicia,* referimo-nos a varios aspectos da desordem que domina em Portugal, desde largo. Apontámos a politica como um elemento de que se socorreram tantos videirinhos para pularem na conquista das honras e proveitos.

Que fizeram eles da Republica?

Que pensam do povo a quem apelidam de soberano — por troça?

Naturalmente, quando gritam — *Viva a Republica!* a sua voz não é sincera: os verdadeiros republicanos indignam-se, perante a profanação.

Isto que é claro e que é logico serviu ao *Rebate* para nos fazer dizer precisamente o contrario. Segundo a sua versão, nós teriamos voltado costas ao regime, injuriando-o.

Ou pelo menos seguiriamos a monção favoravel ás nossas ruins ambições.

Como por nós responde firmemente a orientação do *Diario de Lisboa*, absternos-hiamos de responder ás grosserias de *O Rebate*. Já estamos tão habituados á ser alvo de calunias que mais uma não se conta.

O Rebate permite-se afirmar que nós temos cometido varios actos de lisonja, diante dos cidadãos poderosos que nos têm governado.

Pedimos-lhe por tudo que enumere um por exemplo. Temos consideração por muitos dos homens do regime — consideração que não calamos nunca, sobretudo nas horas dificeis. Isso, porém, jámais nos levou a dedicar-lhe um simples adjectivo de favor. O nosso sistema foi sempre este — aplaudir ou censurar com isenção.

Tambem *O Rebate*, numa linguagem inteiramente sua, repete que nós servimos quem nos paga. Como o *Diario de Lisboa*, fundado e dirigido por nós, é uma empreza modesta, mas prospera, a que nos dedicamos de alma e coração, preguntamos ao *Rebate* se um homem que vive do seu trabalho pode ser acusado de vendilhão.

Que fazem os jornalistas nos jornais que não possuem recursos proprios para viver?

* * *

TELEGRAMAS de Caminha, Lanhelas e Seixas dão-nos a grata noticia de que começou a pesca do salmão e da lampreia.

Estes peixes pertencem a uma categoria a que poucas bolsas são acessiveis: vão para a mesa dos ricos.

Vendem-se caro — tão caro que muitissima gente só os conhece pelos contos... de fadas.

Se um dia os apetites tiverem os mesmos direitos, deve ser um arduo problema determinar o modo como se fará a distribuição da lampreia e do salmão, dado que são especies raras.

* * *

O SR. dr. Alfredo de Carvalho realisa hoje, ás 9 da noite, na Sociedade de Geografia, a sua anunciada conferencia sobre "Os ultimos poetas algarvios„.

Caminhos de Ferro

As atenções do pais voltam-se agora para o sr. ministro do Comercio, que tem de escolher, entre as propostas para a exploração dos Caminhos de Ferro do Estado, aquela ou aquelas que se lhe afigurarem não só mais proveitosas, mas tambem mais *seguras* para o Tesouro.

Como sempre, a imaginação popular entretem-se a fazer calculos e a aventar hipoteses sobre o concorrente ou concorrentes que hão-de ser preferidos.

Pela nossa parte, limitamo-nos a aguardar os acontecimentos, na esperança de que, na hora propria, possamos dizer: — *Muito bem!*

Se a nossa espectativa fôr iludida, procuraremos traduzir a nossa discordancia pelo menor numero de palavras e com o maior numero de razões.

Entretanto, ousamos dizer ao sr. ministro do Comercio que se acautele, para não perder o rigoroso conhecimento do assunto, com a musica das sereias, nem se afastar do proposito em que se encontra de tâlhar a direito.

Diz-se que Alexandre da Macedonia, quando recebia as queixas ou as reclamações dos seus subditos em litigio, ouvia as partes só com um ouvido, reservando o outro para a verdade.

Entre nós, até isto é perigoso, sendo preferivel fazer de surdo e tambem de mudo, a fim de se não cair na tentação de ouvir discursos contrarios e diabolicos.

O sr. ministro do Comercio, neste caso de arrendamento dos caminhos de Ferro, acha-se a braços com um problema dificilimo — o mais espinhoso da sua pasta.

Da solução que lhe der defendem muitos e variados interesses, alem dos da Nação.

Esta simples reflexão é de molde a fazer-lhe compreender quão justo e ponderado deve ser.

Indague, sobretudo, entre os concorrentes quem oferece maiores garantias de exito na exploração da rede do Estado.

Os transportes ferroviarios demandam um pessoal dirigente e tecnico que não se improvisa. A ganhar se perde e a perder se ganha.

Tire-se á concessão o caracter de uma aventura: busque-se, se não for possivel a certesa, ao menos um conjunto de probabilidades que quasi redusa a zero a margem de imprevisão.

Repetimos—o sr. ministro do Comercio não pode deixar de formular a si proprio esta pregunta previa:

—Quem, entre os concorrentes, se acha em condições de explorar os Caminhos de Ferro do Estado, sem que essa exploração, por inexperiente e aventurosa, resulte um desastre?

Duma á outra...

—Tu sabes com quem se juntou o teu Alberto?
—Com uma mulher de pouco mais ou menos...
—Sim? Uma mulher pouco mais ou menos como tu...

AS eleições para senadores, em França, decorreram na melhor ordem. Concorreram ás urnas 33 departamentos, para eleger 108 senadores, isto é, cerca dum terço do Senado.

Houve surpresas. A derrota de Millerand, por exemplo, que não alcançou mais de 368 votos. O proprio presidente do Senado, o sr. de Selves, não fez vingar a sua candidatura.

Em compensação, o sr. Raul Péret, antigo presidente da Camara dos Deputados, alcançou uma vitoria brilhantissima sobre o candidato esquerdista.

Barthou e Caillaux foram reeleitos. Dividindo o Senado em duas grandes facções—a direita e a esquerda—verifica-se que a esquerda ganhou 4 lugares —o que significa quasi uma derrota, visto que se anunciava para os partidos da esquerda uma vitoria retumbante. Foi o Sena que deu a maioria aos esquerdistas.

Dois grandes amigos de Herriot: os srs. Israel e François Albert não foram eleitos.

* * *

COMUNICAM-NOS que o sr. ministro do Interior proibiu a representação da peça francesa *Garçonne*, á qual, como se sabe, assistiu a autoridade, na primeira noite. Ficam assim satisfeitos os desejos daqueles que classificam a peça de imoral. E, por outro lado, são apontadas as opiniões dos que julgam o trabalho francês nem mais nem menos escabroso do que outros que se têm representado em Lisboa, com o consenso do publico e da propria autoridade.

Não discutimos a determinação do governo. Queremos notar apenas que, tendo a autoridade deixado passar a peça durante muitos dias, a sua proibição agora pode ter o aspecto de representar um *parti-pris* a favor dos que protestavam e contra os que a acharam bem, dentro do espirito do teatro moderno, partindo-se do principio de que ao teatro só vai quem quere, e que a Trindade não é teatro oficial.

A proibição da *Garçonne* comprendia-se no primeiro dia. Hoje—não.

* * *

OS gatunos andam desenfreados por toda a cidade. Sendo as ruas mal iluminadas e policiadas, não é de admirar que eles contem com a impunidade.

O assalto, a rôsto descoberto, na Avenida e nas principais arterias, já não é caso virgem.

Quem nos defende?—grita o lisboeta amargurado.

Desde que não pode haver um civico junto de cada gatuno e eles têm o costume de proceder fóra de toda a vigilancia, afigura-se-nos que o unico remedio é este—surpreender o gatuno quando ele se exibe, á luz do sol, não esperando que os clamores das suas vitimas lhe ponham azas nos pés.

* * *

A CERIMONIA da inauguração de uma enfermaria de cirurgia no hospital da Estrela, que devia realisar-se hoje, pelas 14 horas, ficou transferida para amanhã, á mesma hora.

Uma greve

A Companhia de Moçambique

Do engenheiro sr. João da Camara Leme, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: —Só agora tive conhecimento das informações que o «Diario de Lisboa» publicou em 2 de Outubro e que lhe foram fornecidas pela Companhia de Moçambique em resposta a um protesto dos seus empregados, contra a ordem que dissolveu a sua Associação de classe, e que foi enviado ao Exm.º Ministro das Colonias.

Como ultimo presidente da extinta Associação de classe do pessoal que foi atingido tão abusivamente por semelhante disposição, motivo porque me encontro em Lisboa, onde cheguei ha pouco expulso da Provincia por um ano, não me cala o animo deixar passar em claro varias afirmativas produzidas na local em questão e por isso venho rogar a V. sr. Director a publicação desta carta.

Como já é conhecido, a questão teve por motivo a falta de cumprimento por parte da Companhia de Moçambique do que previamente havia acordado. Tudo o mais são argumentos para justificar quantas violencias o sr. Correia da Silva, governador da Companhia, entendeu cometer em Africa, creio que com o apoio do Conselho de Administração.

Diz a Companhia que os funcionarios de Africa estavam recebendo uma subvenção bastante superior á desvalorisação da nota do Banco da Beira percebendo vencimentos superiores aqueles a que tinham direito em face dos compromissos tomados pela Companhia. Não é verdade. De Setembro 1925 a fins de Julho p. p., a Companhia cumpriu em parte esses compromissos, mas durante esse periodo houve contra os empregados, uma diferença para menos de 87,9 0 0 dos seus vencimentos dum mês.

A verdade é que emquanto a Companhia não teve disponibilidades em dinheiro esterlino, optou por uma subvenção compensadora do pagamento em notas do Banco da Beira, moeda desvalorisada, mas unica que tem curso legal no territorio. Logo, porém, que poude fazer esses pagamentos em cheque sobre Londres, entendeu modificar o processo acordado, sem consulta nem participação aos interessados e ao organismo encarregado de marcar os coeficientes, embora o sr. governador alegue, mas não prove, que a comissão executiva da associação de classe lhe sugeriu que essa forma de pagamento era aceitavel desde que incidisse apenas em metade dos vencimentos.

A seu tempo se fará a historia deste conflito, que levou os empregados a um movimento de protesto, provando-se que ele foi agravado, não pela intransigencia dos empregados, mas pelas precipitações e violencias do governador sr. Correia da Silva—como seja a demissão pura e simples de dois empregados, dissolução da associação de classe, a suspensão de garantias, a prisão e expulsão para a Metropole dos chamados «indesejaveis», a dispensa do pessoal em greve, «como abandono de lugar». antes do periodo fixado nos regulamentos e por fim depois de abafar o conflito por meio da violencia, sem contudo o ter resolvido, decreta a postergação dos direitos dos empregados, premio do seu trabalho de muitos anos e até de descontos nos seus vencimentos, como sejam os destinados á pensão de aposentação!

Alega ainda a Companhia de Moçambique que os seus empregados não podiam fazer greve, porque «os funcionarios publicos não podem coligar-se para a cessação do trabalho». Pois é tambem um facto averiguado que os empregados da Companhia são por ela considerados «Funcionarios publicos» para efeitos de disciplina e deixam-no de ser, quanto a reclamações, direitos adquiridos, exonerações, etc. Para que os empregados pudessem ser considerados «funcionarios» seria necessario que, nesta emergencia, como funcionarios fossem considerados. Se tal se desse o sr. Correia da Silva estava agora fora do seu lugar a responder aos quesitos dum inquerito oficial! . . .

Permita-me v. que por intermedio do seu mui lido jornal. explique ainda que o descarrilamento verificado em Novembro, depois da greve na linha da Beira, foi casual e como já foi demonstrado pelos tecnicos em seus relatorios, de inteira responsabilidade da Beira Railway.

Pois do acontecimento se tirou o maior proveito. fazendo circular por intermedio da Agencia Reuter ter o incidente (frequente nas linhas ferreas de Africa) sido resultado dum «atentado cometido pelos grevistas contra o Comissario da Policia da Beira»!

Porque não posso abusar da condescendencia de v. na publicação desta, afim de ser restabelecida a verdade, direi sómente que o «terrivel atentado» deu origem a mais represalias do sr. governador, ordenando a prisão dum ex-empregado, que esteve «incomunicavel» em infecta prisão de Africa, durante oito dias— «sem nada se ter provado».

E ao que parece, dada a impunidade, o sr. Correia da Silva continuará . . . — De v., etc., *João da Camara Leme*, engenheiro.

Teatro São Luiz
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Duas — Companhias francesas — Duas

Está aberta no escritorio do teatro, da 1 ás 5 horas da tarde *a assinatura* para ***7 unicos espectaculos,*** com peças diferentes e novas para Lisboa da grande actriz francesa

VERA SERGINE
e ***HENRI ROLLAN*** o 1.º galã da França

e da sua companhia completa do THEATRE DE PARIS, e para *4 unicos espectaculos*, com peças differentes e novas para Lisboa dos celebres artistas

LUDMILLA PITOEFF
e GEORGES PITOEFF

e toda a sua companhia francesa, scenarios, guarda-roupa, mobiliario, mise-en-scène e material do THEATRE DES ARTS, de Paris.

Estreia de VERA SERGINE no dia 24 do corrente mez. Estreia de PITOEFF na segunda quinzena de Fevereiro.

O TURISMO

O PREÇO DA AGUA

no concelho de Cascais

Ainda sobre o debatido caso do aumento do preço da agua no concelho de Cascais, recebemos do sr. José do Carmo da Silva Dias, capitão de artilharia e presidente da comissão administrativa daquela vila, e do sr. Mendes do Amaral as seguintes cartas:

Sr. director: Sendo eu um leitor assiduo e admirador do jornal de v. , muito tenho hesitado em lhe vir solicitar um cantinho para responder á «momentosa» questão do preço da agua no concelho de Cascais, receando prejudicar os seus leitores, privando-os da leitura habitual que vv. sabem sempre escolher interessante e deleitosa. Porem, ao primeiro artiguinho, seguiu-se um segundo, a este uma explicação provisoria, depois quarto artigo... e perante esta insistencia de v. já não era licito duvidar de que tal assunto preocupasse de facto bastantes leitores, não, certamente, pelo assunto em si—actualização do preço das aguas—mas apenas por se tratar de um concelho onde a natureza prodigamedte acumulou belesas e encantos que a incuria do homem ainda não tornou impossivel admirar e aproveitar, acalentando nós, comissão administrativa a quem competia este honroso mas arduo «serviço», a fagueira esperança de que o interesse mostrado agora por v. e seus leitores seja o prenuncio da atenção de «todos» pelo progresso, desenvolvimento e aformoseamento desta região, que desde Carcavelos até á Roca, desde o Oceano até á Peninha, Penha Longa e S. Domingos de Rana oferece ao turista, ao artista, ao homem de sciencia, ao industrial ou ao comerciante lugares e motivos da maxima atracção e interesse.

Nós elevámos o preço da agua simplesmente para termos uma base absolutamente livre para contrair um emprestimo, sem elevar a taxa do imposto directo (actualmente em 30 o|o) mas podendo ser elevado legalmente até 75 o|o) e fazer assim aquilo que é necessario no concelho, conforme todos reconhecem, mas não se pode fazer sem dinheiro, este não cai do ceu como um maná divino, e quando se trate de arranjar dinheiro... até vv. estão mostrando os espinhos que se encontram, espinhos estes porem que não conseguem penetrar nas nossas epidermes calejadas de soldados, tanto mais que no dia em que terminar o nosso serviço nenhum de nós precisa ou deseja 1 voto sequer em futuras eleições. Só o que queremos, e havemos de conseguir, é terminar o nosso mandato ficando com a convicção profunda que lhe dedicámos sempre o melhor da nossa boa vontade, competencia e... coragem civica.

Para mais completa elucidação de v. permita que lhe envie um exemplar da saudação-relatorio do fim do ano ultimo, a qual profusamente tem sido distribuida no concelho.

Pedindo desculpe do tempo que tomei a v. com esta carta, necessaria pela subida consideração que v. e o seu jornal me merecem, subscrevo-me respeitosamente.

De v. etc. *J da Silva Dias*, capitão de artilharia e membro da comissão administrativa do concelho de Cascais.

Sr. director: Como acidentalmente faço parte da actual comissão administrativa do municipio de Cascais, alguem se lembrou de chamar a minha atenção para a interessante secção que v. ultimamente abriu no seu apreciado jornal, sob a epigrafe «O preço da agua em Cascais».

Acabo de ler, precisamente, o trecho do dia 10, no qual aparece alguem, discretamente vestido de toga causidica agitando artigos do Codigo Civil e discreteando sobre a organica administrativa dos municipios.

Diz a v. o casuistico anonimo que, «nos serviços municipalizados de utilidade publica, se não deve procurar lucros, mas bem servir o publico, devendo as receitas cobrir apenas as despezas com a exploração e melhoramentos necessarios» . . .

Pessoalmente. entendo que o douto reclamante perdeu uma boa ocasião de estar calado; mas, em nome dos meus colegas na comissão, onde, infelizmente, não ha nenhum «capêlo» em direito administrativo, não posso deixar de lhe agradecer a oportuna lição. Efectivamente, a comissão administrativa do concelho de Cascais, acordando em que é tarefa muito ingrata trabalhar de graça para o municipio, e ainda por cima ter que aturar as considerações estultas de todo o preopinante que se lembra de abusar da amabilidade de v., resolvera aumentar o preço da agua, de forma a obter um «lucro» de 150 contos, no fim do ano, e reparti-los, equitativamente, entre os seus cinco membros. E, para desnortear quaisquer suspeitas ácêrca desta sua nefanda intenção, inventou a balela de que o sistema de abastecimento de aguas do concelho estava necessitado de reparações profundas, de substituições importantes, etc., etc. Lançou, mesmo, a atoarda de que, no verão, a agua que actualmente está captada e canalizada não chega para um terço do consumo, motivo porque muitas familias se retiraram daqui, na passada epoca, na impossibilidade de viverem sem o precioso elemento, etc., etc. E, ainda mais: conseguiu convencer, toda a gente, da necessidade de substituir o arcaico e perigoso sistema de esgotos, de fossas, por uma rêde completa de esgotos, quando, afinal, toda a gente sabe que, nem Cascais, nem Estoris, nem Parede, nem Carcavelos precisam de tal melhoramento.

Em resumo, sr. director: o municipio de Cascais, toda a gente o sabe, não precisa de nada disso, e a sua comissão administrativa, deliberando aumentar, de 150 contos por ano, as suas receitas orçamentais (as tais que o ilustre reclamante chama «lucros» em conta de «Ganhos & Perdas»), para, com esse aumento, garantir um emprestimo de 3.000 contos, talvês pense ainda em se abotoar com os ditos 3.000 contos e fugir, discretamente, para o estrangeiro. Portanto, o conspicuo civilista reclamante que esteja de atalaia . . .

Quanto ao aluguer dos contadores, a serem reparados de conta dos arrendatarios, poderemos conversar outro dia; mas, entretanto, o abalizado citador de codigos que vá escabichando no bestunto a significação da ultima parte do seu citado artigo 1.634.º do Codigo Civil, que se refere á congruencia dos objectos mobiliarios.—De v. etc., *J. Mendes do Amaral.*

Galerias do Chiado
31, 1.º — RUA ANCHIETA
Telefone C. 3103

Nesta casa encontram todas as senhoras de bom gosto os mais recentes e elegantes modelos em chapeus para a presente estação, fornecidos pelas primeiras modistas de Paris.

Vestidos, confecções e agasalhos, o que ha de mais moderno

Dr. Armando Narciso
Regressou de Paris e retomou a clinica. — T. Nova de S. Domingos, 9. (A' Rua do Amparo.)

Comercio e Industria
Seguros em todos os ramos
R. ARCO BANDEIRA, 22

GRAMOPHONES E DISCOS
A MELHOR MARCA
As maiores celebridades

Os ultimos sucessos da — dança —
"HIS MASTER'S VOICE"
Agentes gerais:
GRANDE BAZAR DO PORTO L.da
R. Augusta, 150-152, LISBOA — R. S. Catharina, 192-198, PORTO

Mundanismo

Noites de arte

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante ao espectaculo de ontem com a opera «Manon»:

D. Margarida Bruno do Canto Hintze Ribeiro e filhas, D. Filipa de Sá Paes do Amaral Coelho, D. Maria Perry de Linde Peixoto e Cunha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara. Madame José Libanio Ribeiro da Silva, D. Ana de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Rosa de Liz Teixeira de Mendonça e filhas, D. Amelia Pedroso Olimpio, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Berta Bastos Mendes, D. Maria de Barros Lima Saturnino, D. Maria Santa Martha Caupers, Madame Faria, D. Carolina Homem Cristo Rocha, D. Amelia Pedroso Caleya, D. Beatriz de Freitas. Madame Simões Rego, D. Maria Barros e Sá Santos, Madame Simões Bayão e filha, D. Tereza Penha Coutinho, Madame Abel Moutinho, D. Maria Vitorina e D. Maria da Luz Paiva Raposo, D. Luiza Pedroso Barata, D. Maria Luiza Barros Lima, D. Maria Luiza Costa e Silva, etc., etc.

Pontos de reunião

No Gimnasio

Alcançou um exito grandioso, como era de esperar, a insigne artista Conchita Ulia, que ontem reapareceu ao publico da capital, publico que lhe teceu, na sua entrada em scena, uma carinhosa manifestação de apreço, que se repetiu em todos os seus numeros, sobretudo no final, em que se chegou ao delirio.

Da assistencia que enchia por completo a vasta sala de espectaculos, dificil se torna dar uma nota completa, mas recorda-nos os seguintes nomes:

Marquesa de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Castro e Solla e filha, Condessa de Pinhel, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Teresa de Melo e Castro de Vilhena, D. Febronia de Abreu Saraiva e filha, D. Elisa da Guerra Baerlein, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha, D. Rosa Pinheiro Chagas, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Clara Abecassis, D. Maria Berta de Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Carolina Thompson, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho, D. Isabel de Ortigão Ramos Jorge, D. Eugenia Machado Ribeiro Ferreira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Sofia de Oliveira Portela, D. Arminda Machado Rangel dos Santos.

D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Piedade Lobato de Melo, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Ester Buzaglo Feio Folque, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Ana Reynolds de Sousa de Lencastre (Louzã), D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Ana Pinto, D. Maria Tereza Machado Ferreira Carvalho da Silva, D. Sofia da Guerra Baerlein Castel Branco, D. Maria Luisa Nunes da Silva Moreira de Almeida, D. Henriqueta Garcia da Silva Serra, D. Maria da Conceição Feça Leal Abecassis, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Lea Cohen Zagury e filha, D. Eugenia de Melo e Castro de Vilhena Palma, madame Bastos, D. Dulce Portela Simões, D. Maria Amalia Lezameta Simões, D. Ilda Blanck, madame José Maria Alvares e filhas, D. Dulce Monteiro de Carvalho e filhas, madame Clington Carp, D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Helena Maria Gandon Burnay, D. Maria Ferreira Pinto Basto de Almeida, D. Maria Cristina Rino Froes Pinto da Silva, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, madame João Aranha, D. Cacilda Euler de Carvalho, madame Levy e filhas, D. Ester Levy Mendes, D. Berta Cambon, D. Maria Francisca, D. Maria Leopoldina e D. Eugenia Menron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Alice de Aguiar, D. Gabriela Rebelo de Andrade, D. Tereza Domingos Afonso, etc.

Doentes

Devido a uma entorce que sofreu no pé esquerdo, quando se apeava de um electrico no Conde Barão, encontra-se de cama o sr. visconde de Silvares.

Fazemos sinceros votos pelo pronto restabelecimento do ilustre titular.

—Têm estado doentes com «grippe» a nossa colaboradora sr.ª D. Maria de Carvalho e sua mãe, a sr.ª D. Ana de Carvalho Ferreira.

—Da casa de saude de Bemfica retirou, completamente restabelecida da operação a que ali se sujeitou, feita pelo ilustre clinico sr. dr. Azevedo Gomes, a sr.ª D. Leocadia Amaro de Oliveira.

—Retida em casa, encontra-se com um ataque de «grippe» a sr.ª D. Julieta Vasques Monforte e Silva, esposa do nosso colega do «Diario da Tarde», sr. Ivo de Monforte.

O seu pronto restabelecimento são os nossos votos.

"CARIOCAS"

BERTA & REIS, com fabrica de confeitaria «A Alsaciana» — R. Sebastião Saraiva Lima, 14 — Tel. 5139 N., inventores dos afamados rebuçados «CARIOCAS», sabendo que estão imitando este produto cuja qualidade muito deixa a desejar, previnem o comercio e o publico que os unicos verdadeiros são os do seu estabelecimento.

MANCHESTER

VENDE lanificios da Covilhã, Coimbra e estrangeiro aos preços do fabricante.
Tem alfaiate para Lisboa e provincia.

Secção especial de vendas a prestações que equivale comprar a dinheiro.

P. dos Restauradores, 13, 1.º, D.
(canto pegado ao Avenida Palace)
(Antigo Donas)

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

DE QUINTA-FEIRA

por Norberto de Araujo

Do amor, da opera E DE Conchita Ulia

Ha dias fiz uma descoberta: afinal de contas esta cousa de amor, de abuso de amor, de trivialidade na palavra amor, de meu amor e de amor ridiculo—é tudo consequencia de uma errada tradução do francês.

Afirmo que isto tem muito mais de serio do que o meu leitor fiel pode imaginar.

Desilusões de amor! Maus casamentos de amor! Crimes, pecados, leviandades, excentricidades de amor! Tudo má tradução.

Os franceses empregam constantemente o "aimer„. Não tem outra maneira de dizer que certa cousa, pessoa, sentimento ou programa politico lhes é agradavel. Amam, no seu verbo comum, indiferentemente um cão, um homem publico, um casaco de peles, uma pessima peça de teatro, o crepusculo, o sr. Stresemann —e uma mulher.

—Nós, romanticos, piegas, ignorantes, tomamos o "aimer„ á letra, e desatamos a amar tudo, muito convencidos de que somos Bernardim.

Ora como nem tudo a que se pode aplicar o verbo "aimer„ é digno de amar-se—daí as nossas desilusões e os nossos livros de versos.

Haveria mesmo que escrever uma "Cronica do Verbo Amar e do Verbo Gostar„.

Porque a gente não ama. A gente gosta. Gosta de uma mulher tal qual um francês dirá simplesmente: "J'aime des huitres„.

Cônfessemos, como dizia Junqueiro, que um prato de ostras cruas regado com Bordeus—é excelente. Mas daí a amar as ostras!...

E' deste equivoco que resulta a maior parte das desgraças nacionais e o talento dos nossos bardos. Toda a desgraça sentimental portuguesa é simplesmente um erro de tradução.

Vejam lá se aqueles que se adoram e não sabem francês dizem: "amo-te?" Limitam-se a dizer: "gosto de ti". E esses sim, os que desfolham malmequeres nas varzeas humidas, não tiveram nunca uma desilusão.

Isto veio-nos do livro, lido e relido em francês, veio-nos dos jornais, das peças de teatro mal traduzidas—veio-nos dos passeios a Paris, onde se ama até sem se dar pelo dinheiro que nos custa.

Qualquer dos meus leitores está sujeito a ouvir esta noite: "tu já não me amas? tu fias-te no que diz o Norberto de Araujo, que está provadissimo que não percebe nada de amor?"

Mas tu responde-lhe:

—Sim. Já te não amo. Nunca mesmo te amei. Em compensação, cada vez gosto mais de ti!

Leitor amigo: esta descoberta é possivel que seja contestada pela Academia Francesa, mas, enquanto o não fôr, gosta cada vez mais da mulher de quem tu gostas, e não consintas nunca que o teu gostar, feito de simplicidade e da certesa de ser entendido em português, acaba no ridiculo de um divorcio cantado em sonetos de amor.

* * *

A opera em S. Carlos constituiu para o emprezario um tremendo desastre financeiro. Cremos que de quatrocentos contos.

Era a companhia má? Não; era do melhor que se encontra lá fora. Do mais reputado, do mais caro, do mais representativo.

O publico de S. Carlos, não foi a S. Carlos. Não quiz ir a S. Carlos.

Não queremos ter autoridade para o censurar. Registamos o facto.

Durante muito tempo houve queixas de que Lisboa não tinha o seu S. Carlos. Ou se o tinha—era mau, o que em rigor não era exacto.

Um homem aluga o teatro—e eu fui dos que protestaram contra a adjudicação—, e esse homem capricha em apresentar uma companhia que se veja. Enfim, S. Carlos bom. S. Carlos muito melhor que muitas epocas de sucesso. Pelo menos—transigimos—um S. Carlos decente.

E o publico de S. Carlos não foi ao seu teatro, porque não quiz.

Era caro? Deixemo-nos de historias. Era o preço que se exigia quando se exigia S. Carlos bom.

O publico não foi—por snobismo. (Não acredito que tivesse havido "complot„ teatral. Não foi porque não era "bem„.

Alguem me dizia hoje:

—A opera italiana é já um snobismo. Vai-se ao teatro de opera por snobismo. A' opera antiga, pelo menos, ouvida mil vezes por mil celebridades. Ora o publico tem o direito de não dispor do seu snobismo para uma Casa, cujo dono não tem tradições de elegancia pessoal, não tem relações, não é do meio, não é distinto por profissão.

Aceitavel, até certo ponto. Mas neste caso, não se exija S. Carlos. Exija-se antes um Empresario. Tenha-se ao menos essa coragem. O snobismo tem suas virtudes. Pode mesmo ter "panache„. Assim—é a negação da sua propria singularidade.

Felizmente, a mesma opera no Coliseu tem sido um exito. Digo felizmente, não porque me interessem os haveres e as compensações materiais do Empresario, que neste caso bem merece.

Digo felizmente, porque Lisboa se desafrontou daquilo que podia ser uma acusação de mau gosto.

O publico de S. Carlos não soube cumprir o seu dever, julgando tê-lo cumprido. O publico do Coliseu cumpre o seu, sem saber que o está cumprindo.

* * *

Uma cantora de "couplets„, que Lisboa ha seis anos conheceu pelo nome de Conchita Ulia, reapareceu ontem em palco.

Vinha linda, esbelta, delicada, elegante, e, numa casa completamente á cunha, reaviveu a antiga paixão do seu publico.

O caso teatral, o negocio—como é uso dizer-se—não me bole.

Ha aqui a assinalar um facto: a fidelidade do publico aos seus idolos.

Sob o fundo azul do scenario discreto, caindo harmoniosamente sem loucuras de modernismo, a artista foi recebida com simpatia.

Conchita — e muitos ainda eram rapazes nesse tempo — avivou saudades.

Estou em dizer: para grande parte do publico de Lisboa, a Goya, a maior perturbação da cidade nos ultimos anos, clavel vermelho da Espanha dramatica, que se desfaz cada noite em sete ou oito coplas de amor, sempre mal correspondido, ou de caricaturas delicadas, onde chega a passar o espirito dos humoristas predestinados—era uma saudade da Conchita.

Hoje é Conchita, em plena beleza e delicadeza de traços, uma saudade de Goya.

O reaparecimento de Conchita Ulia não é a continuação de uma arte, especie de novelas curtas de emoção e de ternura, de que Lisboa já se não dispensa.

E' o cultivo deste sentimento português, que se chama a saudade, saudade não se sabe de quê, saudade de bocadinhos da nossa vida que andam em cada bocadinho de cada copla, saudade de algum bem que perdemos, até de algum bem que não chegámos a possuir.

Nestas duas mulheres, aproximadas, e até amigas, cada uma possue a sua particularidade de atirar para uma plateia ávida de sensações curtas, um pedacinho da alma espanhola.

Nós, portugueses, somos mais sentimentais que dramaticos, mas o drama espanhol amoroso e forte, e a comedia ligeira caricaturada num costume—sabe-nos espantosamente bem. No fundo, o amor e os seus romances de cinco minutos são iguais em toda a parte. Mas agrada-nos uma suposta variante. E na bôca e na graça de uma "tonadillera„, é a nossa propria alma que se retrata, em passeio pelo mundo espanhol e francês, dos sentidos e das desilusões dramatizadas.

Conchita Ulia, hoje portuguesa pelo seu coração, fez bem em ter reaparecido. Estamos a ouvi-la, entre o entusiasmo do publico, em regra frio nas primeiras representações, levantar ontem a alma portuguesa nessa sua canção da "Mala Mujer„. Estamos a vê-la, comediante e artista de atitudes exactas, nessa maravilha, agua forte de taciturnas linhas, que é a canção da cocaina.

Este entusiasmo justo do publico, ás vezes tão ingrato para outros generos de beleza, compreendemo-lo. No dia em cada um de nós não perceber a "Mala Mujer„, não interpretar o "Vuelve una noche„, não sorrir e não se enternecer—adeus alma de Portugal, que gostas de passear por Sevilha e por Granada em busca de uma copla, duns olhos negros, e da "tonteria„ de um arrependimento!

E quando Conchita Ulia, ao fim do seu noivado com o publico, e ainda no ar a vibração da sua voz, suave como o de um segredo dito na intimidade de um "boudoir„ azul, se fôr de Portugal a peregrinar a sua arte e o seu encanto—que venha a Goya, a Goya do nosso coração.

Sômos assim. Que se nos ha-de fazer? Assim, enquanto na terra houver malmequeres para desfolhar, e mulheres predestinadas que nos embalem com "tonadillas„.

O nosso fado, Conchita Ulia, e minha senhora—anda agora muito amolentado com umas variações de Chopin, que lhe meteram os novos fadistas da gema...

Norberto de Araujo

COMPANHIA DE CIRCO

A sua estreia no Coliseu dos Recreios no proximo sabado

Um conjuncto sensacional

Estreia-se no proximo sabado no Coliseu dos Recreios a Nova Companhia de Circo, que vai causar enorme sensação entre todo o publico apreciador dos belos espectaculos de circo, pela quantidade e pelo valor invulgar dos numeros que a compôem, muito dos quaes são dos ultimos e mais acentuados exitos que se teem registado lá fóra.

* * *

A Nova Companhia apresentará, entre as maiores novidades que traz consigo, uma atracção curiosissima, trabalho dum estranho domador de hienas, animais crueis, sanguinarios e rebeldes que até agora nenhum domador ousára defrontar. Outros numeros de animais serão incluidos no programa da grande Companhia, entre eles cães, macacos, cavalos, e os assombrosos poneys que jogam o soco e tocam musica.

A OPERA NO COLISEU

Amanhã, despedida da Companhia com a «Aida»

Hoje canta-se a "Fedora„

No Coliseu dos Recreios realiza-se hoje a penultima recita da temporada lirica, com a primeira e ultima audição da celebre opera de Sardou e Giordano "Fedora", que ha mais de dezaseis anos não era cantada em Portugal. Desempenha a protagonista a grande cantora tragica Giulia Tess, que hoje se despede do publico de Lisboa.

Amanhã é a despedida da Grande Companhia de Opera, terminando a temporada lirica com a opera de grande espectaculo "Aida", cantando a parte da protagonista a ilustre soprano dramatico portuguesa Tagide Tavares, e estando os restantes papeis confiados aos notaveis artistas meio-soprano Antonietta Toini, tenor Bergamaschi, baritono Carlo Tagliabue, baixos Donaggio e Friggi. A orquestra será regida pelo ilustre maestro Fernandes Fão.

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20-A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e todos os outros ramos.

A Cidade

Caligrafia
Aperfeiçoa-se rapidamente toda a qualidade de letra, por pior que seja, no antigo Curso de Caligrafia, da R. Diario de Noticias, 44, 2.º. Trata tambem na Calçada do Garcia, 13, 2.º

Chá das cinco

A terra treme...

Lisboa, a nossa linda Lisboa, estremece... Estremece como uma mulher nervosa, assustada ou comovida... Quasi todos os dias se fala de mais um tremor de terra, que vem ou não vem nos jornais, que uns sentem e que outros não sentem, mas que deixa os animos inquietos.

Para mim, um tremor de terra era uma coisa desconhecida. Quando houve o de Benavente, estava em pleno mar, no Mediterraneo azul, nùma doce primavera já distante. Outro qualquer, menos violento, não dei por ele. Talvez por esta ignorancia, no tremor de terra do passado dezembro, o ruido profundo do inicio pareceu-me a passagem dum camion. Quando a violencia do abalo já não deixava duvidas, confesso que senti uma impressão intensamente desagradavel. Não gritei, não fugi, não desmaei, mas o subito enfraquecimento das forças, o arrefecer do rosto e das mãos deram-me uma ideia nitida do medo, do medo inutil, que não reage, que não luta, pela consciencia das forças invenciveis desencadeadas.

Sim, o medo deve ser assim. Já tenho assistido a varias revoluções, mas esta impressão de aniquilamento foi tambem nova para mim. Não sou muito assustadiça, embora o medo feminino se possa confessar francamente e o julguem antes qualidade do que defeito; nunca tive, mesmo em criança, a graça dos gritinhos de susto, o terror dos ladrões, do isolamento, da escuridão... mas este medo total, que imobilisa e que gela, é de respeito!

Emfim, a nossa epoca, por esse mundo fora, é, sem duvida, uma escola de coragem. Ha de tudo para temperar o animo: guerras, revoluções, terramotos, tempestades... Isto para todos, fóra o que, em especial, ha para cada um...

Maria de Carvalho

Beneficencia

Vive horas bem amargas o antigo professor de equitação Manuel Carlos de Goes, pois se encontra desempregado, doente e com 66 anos de idade. Recomendamos ás pessoas bemfazejas a sua precaria situação. Na administração do *Diario de Lisboa*, recebem-se quaisquer auxilios.

Papeis Pintados
Desenhos de grande novidade
RESTAURADORES, 19

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s|Londres	—	95$00
s|Madrid	—	3$15
s|Paris	—	$78
s|Suissa	—	3$78,5
s|Bruxelas	—	2$71
s|Nova-York	—	19$58
s|Amsterdam	—	7$84
s|Italia	—	$86
s|Brasil	—	2$30
s|Praga	—	$58,5
s|Suecia	—	5$21
s|Austria	—	2$77
s|Berlim	—	4$66
Libra esterlina	95$00	97$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1|2 0|0 1923	611$00
» Externas 1.ª serie	695$00
Acções do Banco de Portugal	782$00
» do Banco Lisboa & Açores	500$00
» da Companhia de Seguros Sagres	--
» da Companhia de Fosforos	112$50
» da Companhia dos Tabacos	1.160$00
» da Companhia do Gaz, 1922|23	--
» da Companhia do Amboim	92$50
» da Companhia Colonial do Buzi	58$50

OUTROS TEMPOS...

Acabou

o estabelecimento mais antigo do Chiado

«O Correeiro dos Kagados»

E' o corrieiro Guerra, ali defronte da Rua Ivens, a loja do sr. José de Almeida Rodrigues Guerra, cidadão da Certã, que veio para Lisboa aos 10 anos e já vai para os 64 de idade.

Meio seculo na propriedade deste bemquisto fornecedor de Reis e de fidalgos, mantenedor de cavalariças nobres, ajaezador de grandes estados de tiro. Não houve egua de raça, Alter ou pur-sangue que não vestisse da sua casa. Era o Amieiro das caudelarias.

A Casa, ali naquele sitio e naquele negocio já ia para dois seculos de idade. Certo é ela ser do tempo da Senhora D. Maria I.

Pois acabou.

Está a liquidar.

O automovel matou a mylord. O «taxi» deu cabo da tipoia. Os cavalos reformaram-se. Os cocheiros fizeram-se *chauffeurs*. Os titulares substituiram as redeas pelo volante. A marialvada acabou.

O corrieiro dos Kagados estava pronto. E dentro semanas temos ali — uma papelaria.

O que admira é que não seja um café-dancing.

* * *

E' bem curioso este senhor Guerra, corrieiro. Vai fazer agora, em Março, 50 anos que entrou ali na casa, como aprendiz. E acabou por ser o proprietario, tendo tomado a casa, ha 30 anos, ao Francisco Marcelino Dionisio, como este a tomara do Jesuino Antonio Franco, e este ao José Romão, que já entra pelo tempo do Senhor D. Miguel, amador de cavalos e possuidor de grande estado.

Com esta antiguidade — e sabe-se que dali se serviram, salvo o devido respeito, os infantes de Palhavã — o Corrieiro do Chiado era o Chiado dos que sabiam bem montar em toda a séla, e levar uma traquitana de escantilhão numa volta.

A rua dos Corrieiros, lá p'ra Betesga do Rossio — era da malta. Alquiladores e ciganos. Ali, a cem metros do Toscano, do tempo dos franceses, visinho do Marrare, do das Sete Portas, do Pomba de Prata, pertinho das cocheiras do Marquez de Niza (que eram onde vai ser daqui a semanas o «Café da gente da livraria») — o Corrieiro tinha historia.

E como era uma casa de tradição — toiradas, batidas, passeios, S. Carlos, nomes de brazão, figuras de titulo, boémia doirada, lista interminavel na dinastia dos marialvas de calção justo — ali assentava, na modestia do cubiculo e ultimamente na alegoria dos cinco kagados, chafurdando num alguidar vidrado — o proprio Chiado dos ultimos cem anos de romantismo e de estroinice brazonada.

O Guerra recebeu de D. Luís o titulo de fornecedor da Casa Real. E era. De resto, seus amos e senhores de encomendas fôram todos os grandes do tempo, as varias gerações dos Marquezes de Valada, de Castelo Melhor, de Fontes, do Faial, da Foz, da Praia, de Jacome Correia, e, na casa dos condes, os de Pinhel, de Galveias, de Bretiandos, dos Olivais, de S. Martinho, de Castelo Novo, do Sobral, da Anadia, do Calhariz, de Sabugosa, — todo um tecto de caudel apainelado em veados heraldicos, a dizerem tempo velho de cavalarias e opulencia.

Lá vai tudo. Ainda se não tivesse vindo o automovel, a coisa passava...

Mas assim... E esta casa de discreta aparencia, onde ha um ano acabou essa bela figura que era o «Chico», aquele gatarrão amarelo, que resonava á porta, fazendo sentinela aos kagados (19 anos de casa), assim esta casa vai-se hoje ambora, deixando como representante, já menos de cabelos brancos, o chapeleiro ao lado, o Tavares Bastos, chamado, que sucedeu ao Marso Barmion, como este succedera á modista franceza Madame Lombré, e esta á loja de bebidas do italiano Baptista, que reunia ali, depois da gala, muitos de S. Carlos.

Assim como o Central, á esquina da travessa Estevão Galhardo, hoje Serpa Pinto, foi o derradeiro café de nomeada, que cedeu logar ás quinquilharias do Benard, assim o Guerra era hoje, apagado, minusculo, carunchoso e tipico, o ultimo estabelecimento do autentico Chiado velho, do nosso insipido Chiado moderno e pelintra.

Os Galaches, os Maniques, um Gama Lobo, que foi morrer a Espanha voluntario carlista, o José de Avilez, o Pedro e Antonio Saldanha, o Alexandre Saldanha, por ali se estiravam em pé, ao sol, a ver passar os batedores e a prepararem as sortidas noturnas das bailarinas. Essa curiosa figura de D. João de Menezes — era quasi da loja. Mas disto já se não lembra o sr. Guerra. De quem ele ainda se lembra é do Alfredo Ruy da Silva — o *Silva Canelas* — que esticou ha poucos anos, e «vivia dos fidalgos», explicou o corrieiro.

Seria curioso, mas não cabe nos limites desta noticia, fixar as casas antigas do Chiado, e as suas transformações. O sr. Guerra mesmo não se lembra. Diz apenas que onde está hoje o Ramiro Leão era «d'antes» o Pereira da Má-Lingua, e cita o Magioli, brinquedos e loja de chá, á esquina do Sacramento, a Casa do Novais, no 64, que era loja de ferragens, e a mercearia do Martins. Pouco mais. O Chiado de hoje é totalmente diverso do Chiado de ha quarenta anos. O que diremos então do Chiado do tempo prospero do corrieiro José Romão, do Jesuino, do Dionisio, que era o tempo dos populares «José do Sacho», do «Mangerico», coxo como Lord Byron, e do dandismo—que é uma coisa diversa de snobismo — do Vilar Perdizes, do Antonio da Cunha, do Marquez de Niza e de D. João de Menezes.

* * *

Mas o caso é que o sr. Guerra, pai de duas gentis senhoras, uma, aluna do 7.º ano de sciencias, e outra, do 4.º ano do Conservatorio — é já avô por parte de um filho — vai desaparecer do Chiado.

Bem sabemos. Que importancia tem isso? Desaparece tanta gente!

Mas sempre dá um pedacito de pena... Era o ultimo Abencerragem do Chiado romantico — inscrito na Associação Comercial. O Chiado saias compridas e cabeleiras empoadas. Hoje, o Chiado é cortado todos os dias, todos os dias vai um pedacinho. E não tarda nada que fique — inteiramente *á garçonne*.

TEATRO POLITEAMA

E' AMANHA que sobe á scena

a peça

«Mulheres-Homens»

A hora dos ultimos ensaios, num teatro é a hora das aflicções, do movimento e da vertigem. O scenario que é preciso enquadrar, a mobilia que é preciso escolher, uma scena que é preciso repetir, um final de acto que é preciso valorisar.

Foi numa hora destas que ontem entramos no Politeama, onde se procedia a um dos ultimos ensaios da comedia "Mulheres-Homens„ de Victorien Sardou e que a Companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo vai representar amanhã pela primeira vez.

A um canto do palco, num grupo de actores e actrizes, Lino Ferreira, o traductor da comedia, discute algumas passagens da peça.

Tambem o queremos ouvir, chamamo-lo de parte e começa a inevitavel entrevista das vesperas de "première„.

—"Mulheres-Homens„ é... perguntamos nós.

—"Les Femmes Fortes„, uma das raras peças de Sardou que ainda não fôra traduzida para o portnguês.

E' uma comedia interessantissima, onde o celebre autor da "Tosca„ e da "Madama Sans-Gene„ nos aparece como precursor das peças de critica ás feministas e ás "garçonnes„. São trez actos da melhor observação, da mais perfeita tecnica teatral, com scenas duma originalissima verve e outras dum grande sentimento. E' de Sardou e está dito tudo.

—E a interpretação?

—Posso garantir-lhe que estou satisfeitissimo com todos os interpretes. Ilda Stichini, a grande actriz do nosso teatro, se não tem nesta peça um papel de grande fôlego, vai apresentar mais uma daquelas deliciosas figurinhas, de gentileza e ternura em que ela é sempre admiravel e inconfundivel.

"Alexandre de Azevedo, o outro artista-empresario, que ensaiou a peça com o maior cuidado, valorizando todas as situações, encarregou-se da figura, dum francês, que, de volta da America, vem alucinado com as ideias do Novo Mundo, de que em pouco tempo tem de se arrepender.

"Luz Veloso, a inteligente actriz, desempenha uma feminista, muito intelectual e de muito mau genio. "Raul de Carvalho, á vontade e com uma grande naturalidade, interpreta um fleugmatico "yanckee„. rude e sentimental, e Antonio Melo, que tem vindo a compôr optimos caracteristicos, tem nas "mulheres-homens„ motivo para uma nova criação.

"Aparecem ainda na peça, Magda de Sousa, uma estreiante, que deve marcar; Adelina de Campos e Julieta Silva, duas encantadoras raparigas cheias de vontade; Maria Emila, uma graciosa caricata, e Dolores, uma bonita "soubrette„.

"Entram ainda na peça, Artur Sá, Manuel Bessa e Octavio Bramão. Creio não ter esquecido ninguem.

—E que mais?

—Ainda mais... Ha scenarios novos e a maior boa vontade de todos para que "Mulheres Homens„ seja um sucesso. E, antes de terminar, deixe-me que lhe diga da alegria que tive ao vêr o gesto gentil do meu querido amigo Luis Pereira, abrindo a porta do seu teatro a um seu antigo colega nas empresas teatrais, não lhe faltando com os seus conhecimentos e o seu espirito pratico.

BOMBAS CENTRIFUGAS E VENTILADORES
de C. H. JAEGER & C.° — Leipzig
Representantes
W. CASAES & C.° LIM.ª RUA DA PALMA, 185 a 189
Engenheiros LISBOA

Serviços Medicos Nocturnos de Urgencia
Serviço rapido de automovel, a qualquer hora da noite
CHAMADAS
PELO TELEFONE N. 111

A Cidade

A prestações
Pechincha, capas, calçado, chapeus, etc.
62, AV. ALMIRANTE REIS, 62
TRAVESSA ANDRÉ VALENTE — 7
Compra-se mobilia em bom estado

UM ACONTECIMENTO

A ESTREIA de Conchita Ulia ontem no Teatro do Gimnasio

A plateia do Teatro do Ginasio oferecia ontem um desusado aspecto de parada elegante e curiosa. Os logares, vendidos totalmente ha muitos dias, estavam ocupados pelos frequentadores das primeiras «á sensation», os amantes das grandes emoções, os apaixonados do teatro «estupefaciente».

Após a representação de *O Caso do Dia*, aumentou a ansiedade.

Mendigava-se uma entrada no teatro sob o mais habilidoso dos pretextos e, conseguido o milagre, buscava-se nervosamente o camarote conhecido onde anichar a curiosidade.

A' hora de subir o pano para «o caso da noite», alinhavam-se, nas coxias, figuras do jornalismo e do teatro, somando a sensibilidade experimentada á atmosfera geral do publico, eternamente publico, disposto aos maiores entusiasmos, no aplauso ou no protesto, ao sabôr dum acaso ou dum pretexto, escorregando ao primeiro para o segundo ao pisar duma casca de laranja... amarga.

A aparição de Conchita Ulia no palco, fez recuar as primeiras filas, tomadas pelo sorriso inteligente e simples da que passára das trincheiras inimigas, os balcões de toda a gente elegante, sua posição estrategica de seis anos, para o campo que podia ser de vitoria, de nova vitoria, ou árida «Terra de ninguem».

Como «Los Muñecos de Rosina» ganhou, «la muñeca» gentil que é Conchita, o primeiro encontro, um encontro singular e amavel.

«Carmelita la Gitana» foi quasi uma batalha, em que a raça da figura representada lutava com a maneira europeia da actriz que a representava. Foi, porém, uma batalha ganha.

«La Mala Mujer» foi um vitoria, uma autentica vitoria, com fanfarras triunfais e aplausos quentes que exigiram de Conchita a repetição da estrategica vencedora.

«Los pollos bien» marcaram uma deliciosa trégua, bizarra e modernista, com bom humor e bôa critica.

«Vuelve por una noche» foi outra, grande vitoria, definitiva e ruidosa, uma vitoria digna da vitoriosa que voltava.

«La Revoltosa» despertou saudosa nostalgia nos veteranos das «zarzuelas» do D. Amelia, nos que viveram a alegria madrilena da «Mari-Pêpa», ultimo abencerragem do «castizismo» de noventa e oito.

Finalmente, «La Cocaina» completou, com exito de vitoria experimentada, a batalha de ontem, que foi para Conchita um novo e definitivo triunfo.

Comentario: A Conchita que ontem voltou, trás um novo encanto a somar aos que antes lhe aplaudimos, um encanto que aumenta os que lhe garantem, em Madrid e em Paris, o logar vago da Raquel,— uma dôce saudade que ela aprendeu em Portugal. — P.

SELOS E LETRAS
Reabriu, devidamente montada, a antiga secção de valores selados da
Tabacaria Serras — Rua do Ouro, 25

CHOCOLATE DE BAYONNE
SERVE-SE Á CHAVENA NO
CAFÉ DE LA GARE
EM FRENTE DA ESTAÇÃO DO ROCIO

"O CASO DO DIA"
No GYMNASIO
com AMELIA REY COLAÇO no principal papel

OS QUE ESTAO LONGE

Qual é a atual situação dos nossos compatriotas ausentes no estrangeiro

O *Diario de Lisboa* publicou, ha dias, um artigo de palpitante interesse. Intitulava-se: "Deviamos seguir o exemplo do governo espanhol, no que se refere á protecção das nossas colonias na America".

O sr. Raul Corrége, que se tem ocupado, com muita dedicação, do palpitante assunto, que viza a defender os portugueses no estrangeiro, apresenta-nos, em entrevista, a sua opinião e a sua obra.

Ei-la:

—Depois de, durante 3 anos, ter apresentado a todos os presidentes de Ministerio e ministros da Guerra e Finanças a minha ideia para que se decretasse a remissão do serviço militar aos portugueses residentes no estrangeiro, medida de largo alcance moral e material que todos aplaudiam, mas que nenhum pôs em pratica, naturalmente porque não interessava ás clientelas politicas, consegui, com a minha persistencia, que o governo Gomes da Costa publicasse a respectiva lei, que, imediatamente conhecida em toda a America, fez rejubilar aqueles que, mourejando longe do pais, antegozam o prazer de visitar a Mãe-Patria e matar saudades da sua terra.

—Havia vantagens?

—Todas! Imediatamente se organizou na America do Norte uma grande excursão a Portugal que, segundo os jornais então noticiaram, deveria ser imponente, e que deixaria muitos milhares de dollars alem do grande beneficio que traria seguramente para as vitimas do Faial.

—Não se realizou?

—Não! Como as coisas boas, na nossa terra, infelizmente pouco duram, houve alguem no ministerio da Guerra que conseguiu a revogação de tão util e patriotico decreto.

—E' pena...

—... Desiludido então e disposto, bem a meu pesar, a não mais lutar pela ideia que reputava, e reputo, altamente patriotica e vantajosa para o País, pois não ha o direito de escorraçar os nossos irmãos que longe da Patria, nela tem sempre o pensamento e bastas provas de patriotismo continuamente dão, foi-me preguntado pelo actual titular da pasta da Guerra, que bastante contrariado ficou a quando da revogação, se ainda tinha o meu projecto por querer tornal-o realidade, pois reconhecia quão necessario ele é já, por legalisar a situação militar daqueles que não podem ser compelidos a vir aqui prestar o serviço militar por razões altamente atendiveis, já porque necessitando o Exercito de grandes somas para melhoramentos imprescindiveis, só uma receita extraordinaria poderá de pronto resolver o problemo, e essa receita, é a proveniente da remissão que deve dar muitos milhares de contos de réis.

—Primo de Rivera vê a questão bem...

—E' oportuno saber-se o que a este respeito pensa o general Primo de Rivera—assunto que, conforme o *Diario de Lisboa* ha dias escreveu, foi regularizado em Espanha com todo o carinho.

—E agora?

—O sr. tenente-coronel Passos e Sousa que tem sabido honrar os altos cargos em que foi investido pela situação de 28 de Maio, não fará demorar por muitos dias, assim o creio, a publicação da citada lei, tanto mais que não obedeceu a qualquer sugestão, mas de motu proprio quiz que lhe desse o meu projecto, que tem a recomenda-lo, não o merito de quem o executou, mas ter sido estudado minuciosomente no Brasil, onde, de visu, facil me foi achar as razões que justificam o seu texto.

O *Diario de Lisboa*, a quem cabe um quinhão do exito por não ter abandonado o assunto, decerto lhe faltará pouco para poder congratular-se com o sr. ministro da Guerra e eu sentir-me-hei feliz por ter concorrido se bem que numa parcela minima, para o socego e alegria de muitos milhares dos nossos compatriotas...

Pela Imprensa

Não tendo comparecido a tomar posse dos cargos para que foram eleitos na ultima assembléa geral a maior parte dos socios da Caixa, indicados no respectivo escrutinio, apresentando motivos vários que o presidente da referida assembléa julgou atendiveis, é convocada, para fins eleitorais, para o proximo sabado, 15 do corrente, pelas 18 horas, nova assembléa geral.

A divida de guerra

LONDRES, 12 — A imprensa londrina publicou hoje os documentos oficiais com as condições do acordo entre os governos português e inglês, para a liquidação da divida de guerra de Portugal á Inglaterra. —(H.).

Collares Mazziotti
VILLA DE COLLARES
Primeira marca de vinhos creada na região de Collares
TELEF. N. 651

Restaurante Roma
Rua do Mundo, 100 a 104
Telefone 520 Trindade
Todas as noites ceias especiais
Gabinetes reservados no 1.° andar

Hoje
1.ª REPRESENTAÇÃO
no
NACIONAL
JUSTIÇA!...
de Ramada Curto

Pelos teatros

«Justiça!»

E' hoje que sobe a scena, no Teatro Nacional, o original «Justiça!», de Ramada Curto. «Justiça!» é uma peça cheia de situações e profundamente teatral e violenta. Não é, como correu, uma critica á Justiça. Existe na obra de Ramada Curto a Justiça, que não sendo uma personalização do autor, é uma integral de todos os advogados que compreendem a alta função de justiça e sabe-se como ela é, felizmente, em Portugal, digna do respeito e consideração de todos. A distribuição está entregue aos seguintes artistas da brilhante Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha: Adelina Abranches, Berta de Bivar, Maria Isabel, Branca Riquetti, Alves da Cunha, Ribeiro Lopes, Carlos de Oliveira, Sacramento, Luis Pinto, Calazans, Shore e Tristão.

«O Inferno»

Sobe amanhã á scena, no Teatro Variedades, em duas sessões, interpretada pela Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a farça em 3 actos, de Antonio Paso e Joaquin Abati, «O Inferno», tradução de João Soler, que, representada a primeira vez em Novembro de 1917, obteve, no antigo Gimnasio, um formidavel exito de gargalhada. «O Inferno» representa-se com a seguinte distribuição:

«Clara», Maria Matos, «Eva», Beatriz Belmar; «Valeriana», Maria Lagôa; «Margarida», Miquelina Rodrigues; «Firmina», Maria de Luna; «Lucia», Ruth Marçal; «Placido», Silvestre Alegrim; «Padre Leão», Henrique Alves; «Angelo», Antonio Palma; «Dr. Luz», João Lopes; «Morales», Joaquim Miranda; «Candido», José Cardoso.

Teatro S. Carlos

E' no começo da proxima semana que se realiza a reabertura do Teatro de S. Carlos, com a Companhia Palmira Bastos-Clemente Pinto, subindo á scena a peça «Mulher».

Nesta peça reaparece ao publico a actriz Maria Judice da Costa, figura de relêvo na arte portuguesa e que, quer como cantora das mais ilustres e consagradas, quer como actriz de grande envergadura, conquistou nos principais teatros do estrangeiro e de Portugal, inesqueciveis e grandiosos triunfos.

Atrás do reposteiro

Entra para a semana em ensaios, no teatro Politeama, a peça «Maitre Bolbec et son mari», que em Paris está em scena no teatro Athenée. Ilda Stichini interpretará, entre nós, o papel criado pela grande actriz francesa Soria.

—No teatro S. Luis, a companhia Armando de Vasconcelos faz hoje «reprise» da opereta «Roma Galante», em que reaparecem Maria Alvarez, Sofia Santos e o tenor Fernando Pereira.

—Terminou ontem, em Santos (Brasil), a temporada da companhia de revistas Antonio Macedo e Oscar Ribeiro.

—Logo a seguir ás recitas de Conchita Ulia, no teatro do Gimnasio, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro estreará a comedia «Condessa Maria», de Luca de Tena, uma das peças de maior exito artistico do reportorio de Maria Guerrero.

—A companhia de Sascha Morgowa estreia hoje, no Salão Foz, o novo numero «Jazz! Jazz! Jazz!».

—Itenerario da companhia Ester Leão-Gil Ferreira, depois de Famalicão, onde se encontra: 15 e 16, Santo Tirso: 17 a 19, Lamego, e de 20 a 22, Vila Real de Trás-os-Montes.

—Consta que um conhecido escritor está trabalhando numa opereta intitulada «Margarida vai á fonte...», de colaboração com um apreciado poeta e um novo que se estreia.

—Foi ontem lida no Teatro Variedades a nova comedia, adaptação de Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer, «O Topa-a-Tudo», destinada áquele teatro.

—Volta a trabalhar depois de amanhã, em Faro, fazendo três espectaculos no Teatro Farense, a companhia Cremilda de Oliveira, que do Algarve segue para o Norte.

—No fim desta semana encerra-se a assinatura, no São Luiz, para as recitas das duas companhias francesas da grande actriz Vera Sergine e Henri Rollan e dos celebres artistas Ludmilla Pitoeff e Georges Pitoeff, que estão dispertando grande entusiasmo.

—Parte no sabado para o estrangeiro a distinta cantora sr.ª D. Beatriz Baptista, que dará concertos nas principais cidades da Europa. Acompanha-a seu marido o conhecido maestro Luiz Gomes.

TINOCA

Companhia de Comercio e de Fomento Agricola

Para todos os efeitos legais se publica que, por escritura de 6 de Dezembro de 1926, lavrada nas notas do notario desta cidade, dr. José Peres de Noronha Galvão, fôram alterados parcialmente os Estatutos desta Companhia, substituindo-se os artigos 8.º, 11.º, 14.º, 17.º, 22.º, 23.º e 30.º, respectivamente, pelos seguintes:

Art. 8.º

As acções poderão ser ordinarias ou privilegiadas.

Art. 11.º

A Assembleia Geral compõe-se de todos os accionistas possuidores de um minimo de cincoenta acções, equivalentes a um voto, que estejam averbadas ou hajam sido depositadas, com dois meses de antecedencia, pelo menos, na séde da sociedade ou onde fôr determinado pela Administração.

(São mantidos todos os paragrafos deste artigo).

Art. 14.º

A Companhia será dirigida por um Conselho de Administração, composto de três a cinco vogais efectivos, eleitos em Assembleia Geral, o qual dentro dos eleitos designará tambem o que deverá exercer as funções de Presidente, e dois que deverão exercer as funções de Administradores-Delegados, todos reelegiveis.

Paragrafo 1.º — Quando o Conselho de Administração fôr constituido por mais de três accionistas, um deles exercerá as funções de secretario do Conselho de Administração.

Paragrafo 2.º — Sempre que o Conselho de Administração esteja incompleto, por qualquer motivo e, designadamente, por impedimento permanente de qualquer dos seus vogais, poderá o mesmo Conselho de Administração, para se completar, chamar um accionista qualificado que funcionará até á primeira Assembleia Geral Ordinaria.

Paragrafo 3.º — O Conselho de Administração poderá contratar, entre o pessoal da Companhia ou fóra, gerentes ou chefes de serviço, em quem delegue os poderes ou funções que entenda convenientes.

Art. 17.º

Para a sociedade ficar obrigada, basta que os actos ou documentos sejam assinados por um dos Administradores-Delegados e por outro vogal do Conselho de Administração, ou por qualquer das entidades a que se refere o paragrafo 3.º do artigo 14.º.

Art. 22.º

Além do fundo de reserva legal, poder-se-hão constituir os fundos de reserva e de amortização que o Conselho de Administração julgue conveniente.

Art. 23.º

Os lucros, liquidos de todos os gastos e encargos sociais, terão a seguinte aplicação:

1.º — 5 por cento para Fundo de Reserva Legal;

2.º — Um primeiro dividendo ao capital privilegiado, em percentagem a designar nas respectivas acções, mas não superior á taxa de juro estabelecida pelo Governo para os Bilhetes de Tesouro a curto praso ou, na falta destes, á taxa de desconto do Banco emissor da Metropole.

3.º — 2 por cento a cada um dos Administradores-Delegados; 1 por cento a cada um dos vogais do Conselho de Administração; e 2 por cento para o Conselho Fiscal;

4.º — Um dividendo ao capital ordinario até á percentagem que haja sido atribuída ao capital privilegiado; e

5.º — O saldo, quando o haja, será distribuido em dividendo a todo o capital indistintamente.

Art. 30.º

No caso de dissolução e liquidação da sociedade se, além das acções ordinarias, tiverem já sido emitidas acções privilegiadas, será sempre reembolsado em primeiro lugar o capital representado por estas.

Em tudo o mais não alterado pela citada escritura, continua em pleno vigor o estipulado nos Estatutos vigentes, contando-se os efeitos deste novo contrato a partir desta data.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1926.

O notario ajudante

RAUL AUGUSTO MOREIRA

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
S. JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1893 — LONDRES 1904 LISBOA 1888 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado.
Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 A 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

CONSTRUÇÕES CIVIS
A ACTIVA
Rua 24 de Julho, n.º 8
TEL. C. 1601

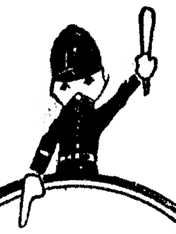
DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas
Consultas das 10 ás 12 horas.

MAHDI
O melhor papel para cigarros de fabricação francesa.
Isento de materias nocivas á saude dos fumadores.
Unicos importadores
Pereira & C.ª L.da
Rua da Madalena, 113-2.º
LISBOA

PARTEIRA
Judite Silva
Rua da Magdalena, 132, 2.º
CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 12 ás 9 da noite. Recebe clientes em casa.

Arnaldo Brazão
ADVOGADO
Tel. N. 357, 3300 e 5468
P. Restauradores, 13, 2.º — LISBOA

JOIAS
Brilhantes grandes
Joias antigas
Não vendam sem ver os preços porque pagamos
BARRETO & GONÇALVES, L.DA
17, R. Eugenio dos Santos, 17
Telefone Norte 3759



DINHEIRO!!
Sobre joias e metais preciosos, papeis de credito mobilias, pianos, maquinas de costura e de escrever, roupas e tudo o mais que ofereça garantia.
Juro resumido
Carvalho & Crispim, Ltd.
Rua de S. Pedro d'Alcantara n.º 45-A
Telefone 1562 Norte

Alberto Costa

João Antonio Theophilo Costa, filhos e nóras participam o fallecimento do seu muito querido Alberto e que o seu funeral terá logar amanhã, 14, ás 14,30, da Avenida da Republica, 66, para o cemiterio dos Prazeres.

P. N. A. M.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«Justiça».
São Luiz—A's 21—«Roma Galante».
Avenida—A's 21,30—«O pé de salsa».

Politeama—A's 21,30—«Gatunos».
Gymnasio—A's 21—«O caso do dia».
Apolo—A's 20,30 e 22,30—«Mouraria».
Eden—A's 20,45 e 22,45—«Cabaz de Morangos».
Variedades—A's 20,30 e 22,30 — «Fruta verde».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Sempre fixe».
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Fedora».
Bristol Club-Dancing—O unico sempre em festa.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—A's 21,15—Variedades.
Olimpia — Das 2 e 1/2 da tarde ás 12 e 1/2 da noite—Animatografo.
Salão Ideal—Animatografo.
Joaquim d'Almeida—Cinema e variedades.
Bal-Tabarin Montanha—A's 21,30, 11 e 1.—Sessões de variedades.

Theatro São Luiz
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 16 ás 3 horas da tarde
10.º Concerto de assinatura da
ORCHESTRA SYMPHONICA PORTUGUESA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH em que toma parte o grande pianista
Vianna da Motta
que executa com orquestra duas celebres obras em 1.ª audição: «Dança macabra, variações sobre o DIAS IRAC», de Liszt e a «Ballada», de Fauré. Pela orquestra, o poema symphonico «Sadko», de Rimsky-Korsakoff, a 1.ª suite de «Peer Gynt», de Grieg e a ouverture do «Tannhauser», de Wagner.
BILHETES Á VENDA

Teatro São Luiz
HOJE
representa-se, pela primeira vez nesta epoca, a engraçada opereta
ROMA GALANTE
o maior sucesso da ultima temporada e que poucas recitas dará

VARIEDADES — (Parque Mayer)
Teatro de Comédia e Farça
Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho
Hoje
Representação da comédia
Fruta verde

No EDEN TEATRO—Hoje
duas sessões
FÓRA D'HORAS
e A BALA HUMANA
ampliação da imortal revista
CABAZ DE MORANGOS
6 numeros novos 6
Promenoir 1$50; Plateia, 5$00;
Camarotes com 5 entradas 26$00

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21,30:
REPRESENTAÇAO
do "vaudeville"
O Pé de Salsa

POLITEAMA *Empresa Luiz Pereira — Telef. N. 3028*
A's 21,30 *HOJE* — Companhia Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo
GATUNOS

Fazenda Inglesa
São as melhores a 25$00 e 30$00
Sapataria Duque
Rua do Ouro, 294

Elias Baruel
CLINICA GERAL
GINASTICA MEDICA
Rua das Chagas, 39
(ao Calhariz)
Tel. Trindade 485 Das 3 ás 6 horas

ESTRANGEIRO

Armando Narciso
Regressou de Paris e retomou a clinica.
Travessa Nova de S. Domingos, 9
(A rua do Amparo)

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

O estado de espirito que reina no exercito vermelho, depois do licenciamento em massa dos oficiais, é o caso do dia em Moscou. A razão porque foi aplicada esta medida simultaneamente a 16.000 oficiais de diversas patentes continua a ser um enigma para toda a gente.

A versão oficial, segundo a qual estes licenciamentos teriam sido provocados apenas pela superabundancia de oficiais e pela despesa excessiva que daí resultava, não encontrá credito em nenhuma parte.

Correm varias versões. Segundo uns, o governo quiz desfazer-se de muitos oficiais que tinham pertencido aos quadros do exercito imperial. Segundo outros, trata-se precisamente do contrario: isto é, de afastar os jovens oficiais que cursaram as escolas militares vermelhas por se terem passado para a oposição e constituirem um perigo para o regime.

Seja como fôr, lavra grande descontentamento provocado por este facto.

O comissario do povo para a guerra declarou que o futuro dos oficiais afastados o preocupava seriamente, tendo feito varias *démarches* junto de fabricas, estabelecimentos oficiais e sindicatos, a fim de colocar esses oficiais.

Os desejos do sr. Vorochilof não se cumprem com a desejada facilidade, porque aquelas organizações têm tambem os seus candidatos, que preferem aos oficiais licenciados.

E assim, um grande numero está ameaçado de ficar na miseria.

Ora o descontentamento estende-se tambem aos oficiais em serviço, cujo saldo foi recentemente reduzido como medida de economia.

Este estado de espirito provoca a maior inquietação nos meios dirigentes do comunismo e principalmente nos da 3.ª Internacional. Estes factos — segundo os proprios comunistas — constituem uma ameaça séria para a segurança do regime sovietico.

■

Continuam as negociações entre os governos hungaro e yugoslavo, a fim de dar á Hungria uma saída para o mar.

O governo italiano está tambem interessado nesta questão, por causa de Fiume. Mussolini mostrou a vantagem que havia em que o presidente do conselho hungaro fosse a Roma, para falar com ele sobre este assunto.

■

A presidencia do conselho mexicano acusa o Episcopado de ter responsabilidades nos recentes levantamentos dos catolicos contra o governo, acrescentando que os padres reconhecidos como culpados serão rigorosamente punidos.

CARTA DO BRASIL

PERCA-SE «A Casa de Portugal» mas salve-se «A Casa do Minho»

RIO, dezembro.—"On revient toujours à ses premiers amours..." A Casa do Minho, após os primeiros ardores, que motivaram um estado de irritação e de mal estar, que ia provocando a anulação de todos os esforços tendentes á realização dessa gigantesca obra que é a Casa de Portugal, deu uma prova de bem ponderado patriotismo.

—Houve aqui quem estranhasse o facto de o correspondente do *Diario de Lisboa*, no Rio, ter ocupado uma das suas despretenciosas cartas, tratando do lamentavel incidente da Casa do Minho. Não nos parece motivo para reparo, pois que ao jornalista compete justamente dar a conhecer aí o que de mais importante se passa na colonia.

Ora o referido incidente era incontestavelmente importante.

De resto, o que aqui se está dando com a Casa de Portugal é mais ou menos um reflexo do que no nosso proprio pais se passa, de modo que razão não nos parece existir para estranhesas.

Após esta necessaria explicação, vejamos como ficou resolvido o incidente:

Uma assembleia geral, convocada especialmente, destituira a directoria daquela agremiação e nomeára uma Junta Governativa a quem incumbira de tornar a Casa do Minho agremiação autonoma, remodelar os seus Estatutos e mudar a sua séde no prazo maximo de 15 dias.

Esta atitude provocou, da parte dos Centros regionais, um movimento de protesto e estes convocaram, por sua vez, uma assembleia geral de directorias. Esta, ponderando na necessidade de procurar uma plataforma de que resultasse uma situação proveitosa e honrosa para a Casa do Minho e Comissão Iniciadora da Fundação da Casa de Portugal (que é constituida pelos Centros regionais portugueses), resolveu que uma comissão se entendesse com a Junta Governativa. Daí resultou, após varias conferencias, a Casa do Minho aceitar uma plataforma, da qual resultava o seu regresso no seio da Comissão Iniciadora.

E' claro que esta deliberação, em absoluto contraria ao mandato de que se achava investida a Junta Governativa, tinha que ter a sanção da assembleia geral daquela agremiação. Esta, compreendendo o patriotismo com que tinham procedido os membros da Junta Governativa, aprovou o seu relatorio e sancionou as suas deliberações, e elegeu a nova directoria. Desta ficaram fazendo parte os mesmos membros da Junta Governativa.

Continha, porém, o relatorio algumas frases com as quais os centros mais pequenos (isto é os centros que contam menor numero de socios) se sentiram melindrados. Daí resultou o afastamento dos centros do Algarve e da Extremadura da Comissão Iniciadora até que uma explicação condigna seja dada, de molde a satisfazer as directorias dos centros que se julgam atingidos pelas tais frases.

Crêmos que essa explicação está no animo da actual directoria da Casa do Minho dá-la e dessa forma tudo voltará á boa paz e harmonia, não sem que se tenha perdido muito no terreno que já tinhamos conquistado para a fundação da Casa de Portugal.

E, afinal, vem agora preguntar para quê tantos aborrecimentos, tantas palavras irritantes, tanto tempo perdido?

Oxalá agora outro incidente não surja, de molde a inutilisar de vez a mais gigantesca obra dos portugueses residentes no Brasil, demais que, segundo o que do proprio relatorio da Junta Governativa consta. a Casa do Minho não deixa de defender os seus principios e para garantia deles é que a directoria ficou composta dos mesmos elementos de que se formava a Junta Governativa.

De tudo isto se poderá concluir que a calmaria será de pouca dura.

Desde a sua fundação a agremiação que reune os minhotos quiz ser diferente daquelas que reuniam os outros elementos das restantes provincias de Portugal. Enquanto as outras se consideravam Centros Regionais, que de Centros Regionais Portugueses se formará a Casa de Portugal, o Minho considerava-se Casa e nos seus Estatutos bem claramente dispunha que só se transformaria em Centro Regional, depois de fundada a Casa de Portugal.

Se não tivesse presidido á assembleia geral das directorias dos Centros um intuito de transigencia, aliás muito louvavel noutras circunstancias, a Casa do Minho estaria hoje gosando aquela plena autonomia a que tanto aspira e que levou um dos seus membros a dizer publicamente: "Perca-se a Casa de Portugal, mas salve-se a Casa do Minho", o Centro Regional do Minho estaria fundado (e sabemos que com um bom numero de associados) e é bem possivel que a Casa de Portugal já tivesse a sua séde.

Gastão de Bettencourt

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Em Montreal, no Canadá, declarou-se um violento incendio, durante o espectaculo, no teatro Laurier transformado em cinema.

Na sala estavam cêrca de 1.200 espectadores, que fôram tomados de panico, precipitando-se para as portas e atropelando mulheres e crianças, muitas das quais morreram asfixiadas.

Muitas crianças tentaram salvar-se por uma escada de madeira, que abateu com o peso, arrastando na queda dezenas de espectadores.

O incendio foi provocado por um curto-circuito que se produziu na cabine do operador.

As chamas ganharam rapidamente a sala, subindo ao balcão. Muitos espectadores caíram sobre os *fauteuils* da orquestra.

As casas visinhas do cinema fôram transformadas em ambulancias. A maior parte das vitimas são adolescentes de 15 a 20 anos.

Até agora, já fôram reconhecidos 96 mortos, havendo 76 feridos, dos quais 50 de gravidade.

■

Informa a Agencia Havas:

O presidente do conselho espanhol e o ministro das Obras Publicas visitaram a colonia agricola de Caulino, onde receberam numerosas felicitações, da parte dos elementos produtores pelo projecto governamental do parcelamento de terras. Depois desta visita, o ministro das Obras Publicas dirigiu-se a Sevilha, onde assistiu á inauguração dos trabalhos para o novo cais sobre o Guadalquivir, tendo voltado á noite para Madrid. O general Primo de Rivera, por seu turno, partiu para Cadiz, onde estavam preparadas varias cerimonias em sua honra.

■

O correspondente do *Times* em Nova York informa que o avanço dos liberais da Nicaragua forçou os conservadores a retirar sobre Granada.

O governo do general Diaz teria pedido á legação dos Estados Unidos que a cidade de Rama seja declarada zona neutra. Os liberais preparam-se para atacar esta cidade.

Aviadores americanos, ao serviço do governo conservador, bombardearam as posições dos liberais sobre o vulcão estinto de Telica.

■

Da capela de Staffel, na Renania, desapareceu uma Virgem de madeira que datava do seculo XV.

Supõe-se que a estatua se encontra na Belgica ou em França, onde a policia procura activamente os autores do roubo sacrilego.

BRISTOL-CLUB
DANCING

Cardoso do Amaral
E
Corrêa Guedes
Advogados
Rua da Prata, 54-2.—Tel. C. 3763

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Meneres Sampaio
Doenças da Pelle e Syphilis
Retomou a clinica
R. ANCHIETA, 31

NO LIMOEIRO

SEM mulher
sem a filha
e sem liberdade!

O Limoeiro tem dentro da sua cinta de grades, a par de muita tragedia, muito caso pitoresco. Muitas vezes mesmo, o pitoresco resulta da propria tragedia.

Véjamos, por exemplo, o que se passa com o ex-sargento de Sapadores de Caminhos de Ferro, que ha um ano se encontra preso. Leiamos as suas declarações — e teremos ocasião de observar uma das muitas historias que á primeira vista nos parecem inverosimeis:

—Estou aqui por defender a minha honra. Minha mulher, Alexandra Jardim Pina Manique, com auxilio da mãe, da avó e de tios, praticou o adulterio, com varios individuos da classe civil e militar.

—Têm filhos?

—Temos uma filhinha de 5 anos, que eu não vejo desde que fui preso, apesar de ser o que mais desejo e de o ter pedido insistentemente a toda agente.

Aqui, vem uma censura á Justiça, que só publicamos, porque o nosso interlocutor o pede com insistencia:

—Apesar das provas que tenho, tanto documentais como testemunhais, foi dado despacho para que a minha filha ficasse em poder da mãe, sendo eu obrigado a dar-lhe mensalmente 400$00. Ignoro o que motivou esse despacho. A não ser por o meu advogado, não só não ter feito a reconvenção no divorcio, como não ter ouvido as testemunhas em tempo competente. Isto, porém, é assunto para mais tarde se esclarecer.

—O que pretendia por agora...

—Era que me deixassem ver a minha filha. E não é racional que eu esteja tanto tempo, sem julgamento, preso ás ordens duma mulher que tem feito todas as chicanas possiveis e imaginaveis, dando testemunhas no estrangeiro, e apresentando-as por conta-gotas, só para demorar o processo.

E o ex-sargento Coelho exclama:

—Quero prestar contas á Justiça. Esta que me condene ou me absolva, porque o meu crime foi apenas ter amado minha mulher, por quem tantos sacrificios fiz. Não me importo de estar aqui todo o tempo que ela e os seus amantes queiram, comtanto que me tragam, ao menos, uma vez por mês, minha estremosa filha.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114

UNIVERSAL MAGEN PULVER
(Pó estomacal universal)
De P. FR. WILH
Barella's, de Berlim
O melhor medicamento para doenças de estomago
A' venda nas seguintes farmacias:
Farmacia Durão — Rua Garrett, 92.
Farmacia Estacio — Rossio.
Farmacia Azevedo & Filhos — Rossio, 31 e 32.
Farmacia Azevedo, Irmão & Viegas — Rua do Mundo, 25.
Drogaria Azevedo — R. Primeiro de Dezembro.
Farmacia Mourão — Rua Augusta, 234 e 236.
Farmacia Formosinho — P. Restauradores, 21.
Farmacia Freire de Andrade & Irmão — Rua do Alecrim, 127.
Farmacia Internacional de Lisboa—R. Ouro, 228.
Unico representante para Portugal e Colonias
A. S. LIMA
AV. DA LIBERDADE, 199 e 201 — LISBOA

UM CONCURSO DO ESTADO

ACERCA
do caso da adjudicação
fala o chefe da repartição central
do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro

Estando na ordem do dia o arrendamento das linhas ferreas do Estado, achámos oportuno saber qual a impressão causada no meio ferroviario do Estado pelas propostas apresentadas no concurso.

Para isso procurámos o sr. Carlos de Morais Carvalho que, desde a criação do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, em 1899, se encontra ao serviço daquela Administração, de cuja repartição central é o chefe.

—O que pensa o pessoal a respeito do arrendamento?

—Compreende bem, responde-nos o nosso interlocutor, que não me é possivel transmitir o pensamento de alguns milhares de empregados, dos quais, aliás, não tenho mandato. Posso, e com o maior prazer, dar-lhe a minha opinião, que se resume em duas palavras: O pessoal tanto do Sul e Sueste como do Minho e Douro é, na sua grande maioria, disciplinado e ordeiro. Está cansado das variadas administrações que tem tido nestes ultimos anos, escolhidas em regra, ao sabôr da politica, criando-lhe as deprimentes situações de *mó de baixo e mó de cima*, o que o tem, por vezes, levado a manifestar-se mais ou menos energicamente. Estou plenamente convencido de que aceitará, sem protestos, uma administração particular que lhe não córte vencimentos e lhe mantenha as actuais regalias, o que aliás está consignado nas bases do concurso.

* * *

—O que lhe parece o resultado do concurso?

—Foi incontestavelmente um exito para o governo. A ideia, já aceite em principio, segundo creio, por outros governos, foi bem recebida pela opinião publica. A actual exploração das linhas ferreas do Estado dá grandes prejuizos materiais representados pelo seu *déficit* que o Tesouro tem de cobrir. Suprir esse *déficit*, seria, sem duvida, um benficio para o Estado; ampliar esse beneficio com um rendimento *bem garantido* é um acto da melhor administração. Assim o arrendamento impunha-se. Só faltava o mais importante: licitantes no respectivo concurso. Felizmente, estes não faltaram.

—Mas, das propostas apresentadas, qual a melhor? — insistimos.

—Não me creia com a veleidade de me julgar com autoridade e competencia para responder a uma pregunta dessa natureza. Apenas como presunção lhe direi que a proposta mais vantajosa é a da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

—Parece, comtudo, que houve outra proposta oferecendo condições mais vantajosas? — preguntámos ainda.

—Apareceu uma proposta oferecendo maiores percentagens nos lucros. Daí a ser mais vantajosa que a da C. P., supônho que vai uma grande distancia. Eu lhe explico o meu fraco modo de ver, baseado nos meus trinta anos de caminhos de ferro, com os pés para a cova ferroviaria. A C. P. tem os seus serviços perfeita e, póde mesmo dizer-se, modelarmente montados para a nova exploração, que nada mais representa do que um aumento da sua rêde, passando a terminar no norte, em Valença do Minho, e no sul, em Vila Real de Santo Antonio. Só deste facto resultam importantissimas vantagens, não só para o publico viajante, mas muito especialmente para o publico transportador. A sua proposta é racional no comedimento dos lucros a dividir, e representa um estudo meticuloso, tendente a atingir os três essenciais objectivos: servir bem o publico, beneficiar o Estado, defender os seus legitimos, e só legitimos interesses. Visa a outra proposta, nos mesmos termos, aqueles objectivos? Só os competentes, que não eu, poderão responder.

—O governo, porém, tem a faculdade de aceitar qualquer proposta ainda que não seja a que ofereça maior percentagem nos lucros?

—Sim, senhor. Está assim estipulado na 28.ª das bases do concurso. E, para terminar, deixe-me dizer-lhe que, tendo havido fartos concorrentes, o arrendamento não deve deixar de fazer-se para maior prestigio do governo e pratica de um dos melhores actos de administração publica dos ultimos anos. Escusado será repetir-lhe que tudo o que acaba de ouvir é opinião absolutamente minha, sem sugestões a que não sou atreito, nem dependencias que nunca tive.

ITALIA-LISBOA

O "ARGUS"
até ás 18 horas
ainda não tinha chegado a Alverca

A' hora de fecharmos o nosso jornal, ainda não tinha chegado ao campo internacional de aviação de Alverca qualquer noticia do avião "Argus", que esta manhã levantou vôo, de Barcelona, ás 8,30 da manhã, tendo passado em Alcazar ás 11,35.

No comboio das 10,50, de Vila Franca, seguiram para Alverca, acompanhados dos respectivos comandantes, os srs. ministros da Guerra e governador militar de Lisboa. Chegados ao campo, visitaram, demoradamente, todo o parque, acompanhados pelos oficiais aviadores que ali aguardavam a chegada do "Argus".

Pelas 2 horas, uma esquadrilha composta de cinco aviões "Vickers", do Campo da Amadora, aterrou, indo juntar-se aos sete aeroplanos que já ali se encontravam.

Durante toda a tarde, os doze aviões em campo levantavam vôo em direcção á costa a fim de fazer companhia ao "Argus" até Alverca.

Segundo informações que colhemos em Alverca os aviadores deviam ter amarado em qualquer porto espanhol, devido ao vento contrario e ao nevoeiro.

A «GARÇONNE»

UMA tareia
que custou
um conto de reis

O "fin de fiesta" de ontem, na Trindade, teve hoje a sua apoteose no Governo Civil, no Tribunal dos Pequenos Delitos, onde compareceu, a julgamento, um dos inimigos da "Garçonne", a já famigerada peça quê se convencionou classificar de imoral, por não ter imoralidade nenhuma.

O reu, que se chama José Bernardo da Camara Viterbo, apresentou-se ao juiz, sr. dr. João Eloy, com um olho esborrachado, uma noite perdida no calabouço e uma grande convicção a defendê-lo dos acusadores:

O sr. marrou ou não marrou na autoridade constituida?

—Não marrei.

—Dá a sua palavra de honra?

—Dou a minha palavra de honra. Não tenho o habito das marradas, nem me quadra semelhante processo de defeza ou de ataque.

Trez policias ao mesmo tempo, a acusar com cara de marrados e uma decisão um tanto ou quanto dubia:

—Saberá v. ex.ª que marrou.

Vieram testemunhas de defeza. Dois estudantes que assistiram ao reboliço e juram sob sua palavra de honra que o reu não marrou.

O juiz teima; ameaça com o calabouço; insiste por uma confissão que comprometa o acusado. As testemunhas, porém, mantêm-se na sua, acima de todas as coações e de todas as ameaças, apontando o olho pisado do sr. Viterbo, como prova palpavel de que o agredido foi ele.

Um cabo—o 71—que se manifestára anteriormente de opinião contraria á dos acusadores, não está. Não comparece, não se percebe porque. Torna-se á insistencia da prova testemunhal; os policias garantem que as defesas não podem merecer credito, porque a marrada foi dada ás escondidas; e acaba-se a scena pagando o sr. Viterbo um conto de réis de multa... por ser para amigos.

Concomitantemente, foi proibida a representação da "Garçonne", como noutro logar dizemos.

DR. JOSE DE PADUA
Coração e pulmões—Raios X
Clinica medica—Electroterapia
P. dos Restauradores, 65, 2.º, E.
CONSULTAS DAS 2 1/2 A'S 6

RIZ
13 GRANDES PREMIOS
O melhor papel de fumar é o **RIZ ABADIE**, double e simples, (automatico), **Alcatrão Medicinal** e **Maïs.**
PEÇAM EM TODA A PARTE
Importadores: VIUVA CONTRERAS & F.º
Rua Primeiro de Dezembro — 7